

**POR QUE NÃO DEVEMOS NOS DEIXAR LEVAR PELA OPINIÃO DA  
 MAIORIA? UM BREVE ESTUDO SOBRE O *CRÍTON* DE PLATÃO**

Marcílio Bezerra Cruz\*

Marciano Romualdo Araújo Cavalcanti\*

**Resumo:** o referente artigo objetiva analisar as temáticas trabalhadas por Platão no diálogo *Crítón*, que ficou conhecido como a obra dedicada ao estudo do dever. Nele, tomaremos como ponto de partida a censura de Sócrates ao enaltecimento da “opinião da maioria”, bem-quista e empregada por Crítón ao decorrer de todo o diálogo. Abordaremos como Platão, mais uma vez, utiliza o evento da morte de Sócrates para pôr em xeque a tradição que, sem fazer o bom uso do *lógos*, tropeça em grandes contradições. Depois, a partir do argumento de que “não devemos cometer injustiça em hipótese alguma”, investigaremos como o diálogo parece caminhar em direção ao fato de que *sempre* precisamos seguir as leis, mesmo que os homens façam mau uso delas. O que permanece, portanto, é a crítica de Platão a democracia e como ela não é capaz de sustentar (como propõe) uma injustiça igual para todos. Por fim, tentaremos deixar explícito que a pretensão de Platão no *Crítón* parece ser a de fortalecer a mensagem do seu mestre de que não vale a pena viver uma vida sem reflexão.

**Palavras-chave:** Filosofia. Ética. Platão. Crítón. Autonomia.

**WHY SHOULD WE NOT LEAVE US FOR THE MAJORITY OPINION? A  
 BRIEF STUDY ON THE *CRITO* OF PLATO**

**Abstract:** The present article aims to analyze the themes worked by Plato in the *Crito* dialogue, which became known as the work dedicated to the study of duty. In it, we will take as a starting point the censure of Socrates to extol the “opinion of the majority”, well-liked and employed by Crito throughout the whole dialogue. We Will approach the way how Plato once again uses the event of Socrates’ death to call into question the tradition which, without making good use of the logos, stumbles into great

---

\* Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduando em Bacharelado em Biblioteconomia e Mestrando em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: mbc\_cilio@hotmail.com

\* Graduando em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: marciano.n@outlook.com

contradictions. After that, starting from the argument that “we should not commit injustice at all”, we will investigate how dialogue seems to move toward the fact that we must *always* follow the laws, even if men misuse them. What remains, then, is Plato’s critique of democracy and how it can not sustain (as it proposes) an equal injustice for all. Finally, we will try to make explicit that Plato’s claim in *Crito* seems to be to strengthen his master’s message that it is not worth living a life without reflection.

**Keywords:** Philosophy. Ethics. Plato. *Crito*. Self-determination.

### Introdução

Diógenes Laértios em sua obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* escreve que alguém chamado Trasilos afirmou que Platão publicou seus diálogos em tetralogias, análogo a forma com que os poetas trágicos disputavam com quatro peças nas competições dramáticas (III, 56). Não discutiremos aqui até onde essa afirmação é verossímil aos diálogos do filósofo, no entanto, tal declaração nos remete ao fato do *Críton* fazer parte de um seletto conjunto dentro do *corpus platonicum* que mantém uma continuidade quase que direta com outros escritos, a saber (em ordem cronológica), *Eutífron*, *Apologia de Sócrates*, o próprio *Críton* e, por fim, *Fédon*, sintetizando o desenrolar dos últimos momentos de seu mestre, Sócrates.

No *Eutífron* podemos encontrar Sócrates a caminho do Pórtico Rei, buscando conferir a autenticidade das acusações contra si, mas logo acaba deixando isso de lado e, junto ao adivinho que dá nome ao diálogo, se dedica a uma investigação entorno dos limites do conceito de “ímpio” (4a et seq.). Tal atitude da personagem Sócrates, conquanto voltada a busca de um conhecimento “certo” e “invariável”, é efetuada de maneiras distintas nos diálogos da juventude de Platão. Alguns interpretes acreditam que é nela que estariam presentes as características mais autênticas do Sócrates histórico, dando bastante ênfase ao caráter *zetético* da personagem e nas conclusões aporéticas dos diálogos (BREHIER, 1942, p. 145; CASTRO, 2013, p. 11; GOMPERZ, 2013, p. 58; KIERKGAARD, 1991, p. 38-39).

A *Apologia*, por outro lado, o formato muda de figura, pois se deve ao ambiente no qual Sócrates se encontra inserido, isto é, de frente a um júri que avaliará sua inocência perante as acusações de Meleto, Lico e Ânito. O texto contém aquilo que

supostamente seria o discurso de Sócrates ao se defender de tais acusações, tendo como primeiro momento um esclarecimento de queixas antigas e recorrentes contra sua figura (*Apologia*, 18e). Por volta daí nos é revelado a “missão” de Sócrates: sendo o mais sábio ateniense por ter, de forma autêntica, a consciência do seu não conhecimento, Sócrates manteve-se em um constante estado de busca por conhecimento, priorizando também o despertar dos atenienses para se engajar nessa procura (*Ibid.*, 21a-23c). Tal atividade atiçou o ódio de atenienses, o que acabou culminando naquele julgamento, o qual determinou o filósofo como culpado, tendo como pena a morte.

O *Fédon*, diferente dos até então descritos, é um diálogo que esse aspecto investigador de Sócrates deixa de ser tão explícito. É uma obra dita da “maturidade” de Platão, onde é possível encontrar a conclusão de alguns assuntos abordados, superando as *aporias* que eram recorrentes no seu período juvenil. Nos diálogos da maturidade, por exemplo, encontramos mais desenvolvidas as “teorias das formas” que deram ao filósofo a sua fama (ROSS, 1997, p. 26-38). O diálogo se passa momentos antes de Sócrates beber o “veneno” que o levará a morte. Embora o clima seja de desolação e tristeza, Sócrates nos é apresentado como um homem firme, cumprindo sua missão até os últimos momentos de vida, analisando os conhecimentos que concernem tanto a vida quanto a morte (*Fédon*, 64c).

O *Fédon* ficou conhecido como o diálogo que disserta “sobre a imortalidade da alma”, pois Platão investiga (e até parece defender) a tese de que a alma é imortal. Ademais, caso a alma pertença aquele que se dedicou as coisas da filosofia, Platão parece atribuir a possibilidade de que ela pode acessar o conhecimento, pois aos homens não convém ter acesso aquilo que é “eterno” e “imutável” se não for por meio dela (*Ibid.*, 79d). O conhecimento verdadeiro só seria acessível aos deuses, quanto aos homens, o mais próximo que teriam seria o estado do filósofo que é, como o próprio nome indica, um “amante do saber, e como “amante” nunca detém o conhecimento por si, do contrário, seria um sábio (*Banquete*, 204a-b).

O *Crítion*, diálogo ao qual nos deteremos no decorrer deste trabalho, se encontra entre a *Apologia* e o *Fédon*, tanto na cronologia quanto na transição entre as “fases” do pensamento de Platão. Historicamente a trama se passa no período em que Sócrates esperava na prisão o retorno do navio que autorizava a consumação do seu veredito,

após a maioria do júri ter concordado que o filósofo era culpado. Nele temos seu discípulo Críton oferecendo ao mestre uma oportunidade de fuga, disso se segue as personagens discutindo sobre a moralidade de Sócrates ao tomar parte nesse plano, garantindo assim sua vida terrena.

O diálogo, embora atente para a questão da justiça (ou do dever), reitera essa herança socrática presente em toda a “tetralogia” exposta acima: (1) a importância tanto de analisar as opiniões antes de tomá-las como verdadeiras e (2) a necessidade de se manter nesse estado de busca perene e de tomar partido somente daquelas posições que podem ser consideradas “boas opiniões”.

### **1 Críton e sua submissão à opinião da maioria**

Devemos iniciar chamando a atenção para as primeiras passagens do diálogo, onde Críton parece principiar a discussão infringindo uma lei. A obra se passa um dia antes da morte de Sócrates, na cela onde o filósofo encontra-se encarcerado. Ao acordar, ainda nas primeiras horas da manhã, Sócrates se depara com Críton, um dos seus discípulos mais antigos, sentado ao seu lado, vendo-lhe dormir. A sua presença causa espanto a Sócrates que indaga como os guardas o deixaram entrar em sua cela ainda tão cedo. A resposta de Críton, embora não muito trabalhada por Platão no diálogo, deixa implícito o rumo que a conversa irá seguir: “a essa altura ele [o guarda] deve estar acostumado comigo, uma vez que venho todos os dias. **Além disso, fiz algo para ele**” (*Críton*, 43a, **grifo nosso**). A troca de favores entre os dois homens, portanto, põe em suspensão o dever que tinham perante a lei.

Mas Platão parece não querer discutir isso agora, ele segue o diálogo fazendo Sócrates não se preocupar com a atitude de seu amigo (*Ibid.*, 43b). Assim, a discussão passa para a tranquilidade do seu mestre perante a morte, talvez para ressaltar a figura histórica daquele que mais o influenciou, talvez por querer construir uma relação do *Críton* com outro diálogo: o *Fédon*. Seja qual for o motivo, a posição de Críton diante da tranquilidade de Sócrates parece representar a mesma da tradição, isto é, a de supor que homens que estejam passando por tal infortúnio, fiquem, no mínimo, “assustados”. Mas Sócrates, por outro lado, mantém a tranquilidade justamente por não achar apropriado homens com sua idade se perturbarem diante da morte (*Ibid.*, 43c).

É só no *Fédon* que, como vimos, Platão desenvolve essa temática com mais detalhe. Nesse diálogo, Sócrates defende a posição de que por ele ser um filósofo, ou seja, por ter buscado o conhecimento e a sabedoria durante toda a sua vida, a morte, ao contrário de malquista, deve ser desejada. Isso porque o corpo sempre foi um empecilho na busca pelo conhecimento, sem a presença dele, portanto, a alma poderá alcançar finalmente aquilo que tanto almejou:

enquanto vivermos, penso que estaremos o mais próximo do conhecimento toda vez que evitarmos, na medida do possível, o intercâmbio e a parceria com o corpo, salve o absolutamente indispensável e não nos contraminarmos com sua natureza peculiar, mas nos mantermos puros até que o próprio deus nos liberte. **E desse modo, libertando-nos da insanidade do corpo e sendo puros é provável que comungaremos com pessoas do mesmo tipo, e passaremos a conhecer, por nossos esforços, tudo que é puro, o que é, segundo se presume, a verdade.** (*Fédon*, 67a-b, grifo nosso)

No *Críton*, por outro lado, Platão apenas menciona esse fato marcante da figura socrática que, historicamente, o levou a ser uma das personalidades mais valorizadas do período helênico. Quando Alexandre Magno expandiu a cultura grega para o mundo, desvalorizando o modelo de *pólis* que antes mantinha os helênicos como um povo privilegiado diante dos demais (os bárbaros), a busca pelo ideal de *ataraxia* (impertubabilidade), tornou-se o centro das questões filosóficas desse período. Sócrates, impassível por natureza, que não sente fome, sede, frio, cansaço (*Banquete*, 219e-221b) ou medo da morte, tornou-se, portanto, a figura simbólica de maior prestígio para as escolas que surgiram no século III a.C.

Mas essa postura firme diante da morte não é, como representa Críton, algo que as pessoas valorizem em seu cotidiano. Platão parece querer sublinhar essa característica de Sócrates para dar início ao que, de fato, o diálogo irá tratar mais adiante. Críton elenca alguns motivos que evidenciam o porquê da morte de Sócrates ser um mal não só para si, mas para todos que conviveram com ele nos últimos anos (*Críton*, 44c). Dentre os motivos, destacamos a preocupação de Críton diante da opinião das pessoas que, segundo ele, irão achar que Sócrates só foi morto por culpa da “avidez” dos seus amigos em não querer gastar dinheiro para ajudá-lo. Eis que Sócrates

responde: “ó afortunado Críton! Por que se importa tanto o que pensa a maioria?!” Esse será o mote do diálogo nos parágrafos seguintes: por um lado, Críton vai permanecer ressaltando a “importância de se importar” com o que os outros acreditam e, por outro, Sócrates argumentará que é um erro pautarmos nossas vidas em cima da opinião da maioria, pois ela não é capaz de realizar qualquer mudança significativa em nossas vidas:

somente desejaria Críton que a maioria das pessoas capaz de produzir a maioria dos males fosse capaz igualmente de produzir o maior dos bens, e estaria ótimo. **Não são capazes de tornar alguém sábio ou tolo, mas se limitam a agir irrefletidamente, ao acaso.** (*Ibid.*, 44d, grifo nosso)

Mas Críton desconsidera as palavras de Sócrates por acreditar que o verdadeiro motivo pelo qual o filósofo parece negar sua ajuda (e a dos demais) está no fato dele não desejar que seus amigos sofram qualquer tipo de punição. Ele retoma as rédeas do diálogo expondo os pontos positivos que Sócrates terá caso siga seu conselho em fugir: (1) todo o dinheiro necessário para a empreitada será gasto por seus amigos – em especial dois estrangeiros de Tebas (Símias e Cebes) que possuem fundos para tal finalidade; (2) Críton possui conhecidos na Tessália que poderão acolher e proteger o filósofo de qualquer infortúnio que, por ventura, o acompanhar; (3) a fuga irá evitar que os “inimigos” de Sócrates cantem vitória com sua morte; (4) a sua partida não deixará que seus filhos fiquem órfãos e (5) ela evitará que todos os seus amigos caiam na vergonha e na infâmia de não terem lhe oferecido ajuda (*Ibid.*, 44e).

Se analisarmos com cuidado cada argumento proposto acima, poderemos encontrar a preocupação de Críton com a opinião da maioria.

No primeiro argumento, portanto, Críton reforça a ideia de que o dinheiro não é um problema e que será vergonhoso que Sócrates (tendo amigos tão pecuniosos) seja condenado porque nenhum deles se prestou em gastar para salvá-lo. No segundo, ele quer prevenir que os seus concidadãos afirmem que, mesmo com tantas pessoas a sua disposição, ele não moveu um só dedo para manter seu amigo seguro em outra cidade. No terceiro, a preocupação com a vitória dos acusadores revela que Críton ainda parece preocupado com a caricatura que fizeram de Sócrates e de como isso poderá afetar a sua

própria imagem daquele dia em diante. No quarto, a preocupação de Críton se concentra na reputação dos filhos de Sócrates que terão que seguir como órfãos porque seu pai, tendo a possibilidade de fugir, negou a liberdade. O quinto, por fim, torna explícito o que estava escondido em todos os outros: mais do que querer salvar Sócrates de sua morte, Críton deseja salvar a sua própria reputação.

Vejamos o trecho do diálogo:

a consequência é estar eu envergonhado tanto por ti quanto por nós, teus amigos e temo que se pensará que todo teu caso ocorreu contando com certa covardia de nossa parte – seja pelo fato do teu caso ter ido parar no tribunal, o que poderia ter sido evitado, seja pela forma que o próprio julgamento se conduziu; finalmente, as pessoas ver-se-ão no direito de pensar, que como absurdo desfecho de toda essa situação esta oportunidade de salvar-te nos escalpou por conta de alguma vil covardia de nossa parte[...] **toma cuidado Sócrates para que essas coisas acarretem não só o mal, como também a infâmia, tanto para ti quanto para nós.** (*Ibid.*, 45e-46a, grifo nosso)

Percebendo que todos os argumentos de Críton giravam em torno da falácia do “apelo ao povo”, isto é, atribuindo o valor de verdade, sobretudo, a massa que julga e determina como as coisas devem ou não ser seguidas. Sócrates procura refutar cada argumento proposto por Críton para demonstrar que, mais do que seguir a opinião da maioria, devemos, por meio do *lógos*, examiná-las.

Nas próximas passagens do diálogo, Platão tenta construir poderosas argumentações para desmembrar os motivos pelos quais a tradição poderia acreditar que a fuga de Sócrates seria um bem, tanto para ele quanto para seus amigos ou, em especial, para a cidade. Devemos lembrar que, por ser um grego do período pré-alexandrino, Platão acreditava que a felicidade do homem só poderia ser alcançada no interior da *pólis*, o que mantinha as ações dos indivíduos sempre em favor da coletividade e nunca de si mesmos.

## **2 A exigência Socrático-platônica para a ação: a busca por opiniões de valor**

Sócrates pede que Críton leve em consideração que dentre as opiniões da maioria, algumas são de elevado valor, ao passo que outras não. Só devemos considerar, segundo o filósofo, aquelas que são boas e nunca as más. Assim, a frase “devemos ouvir a opinião da maioria” ganha um novo significado: não é qualquer opinião que devemos ouvir, mas apenas aquela que possui algum valor, ou seja, aquela que pode ser considerada uma “boa opinião”. Mas o que significa ter uma “boa” opinião? Sócrates afirma que boas opiniões são aquelas efetuadas pelos “sensatos” e as más são as ditas pelos “insensatos” (*Ibid.*, 47a-b). Ora, os sensatos são aqueles que, conforme explicita o filósofo, possuem o conhecimento (epistémé) daquilo que estão falando, enquanto que os insensatos são aqueles que não têm. No que se refere à saúde dos corpos, por exemplo, as opiniões mais sensatas são daqueles que possuem o conhecimento sobre o assunto, isto é, os médicos. Desse modo, “deve-se temer a crítica desse único homem e dar boa acolhida ao seu elogio, e **não agir do mesmo modo perante a crítica e ao elogio das pessoas em geral, isto é, da multidão**” (*Ibid.*, 47b, grifo nosso).

Uma vez que Críton aprova o argumento proposto por Sócrates, o diálogo caminha na tentativa de demonstrar que a opinião da maioria, somente por ser a opinião da maioria, é incapaz de trazer qualquer benefício aos homens, seja qual for a temática em questão. O doente que não escuta a opinião do médico, mas resolve ouvir a maioria, danifica ainda mais seu corpo; aquele que tentar remendar seus sapatos irá danificá-los ainda mais se der ouvidos a opinião dos demais homens e não a do sapateiro. Em vista disso, se seguirmos as opiniões da maioria sobre o “justo” e o “injusto”, o “vil” e o “nobre”, o “bom” e o “mau”, iremos acabar corrompendo e danificando muito mais que um mero objeto ou nosso corpo, mas a nossa alma:

então, ó excelentíssimo amigo, não devemos considerar, de maneira alguma, o que os muitos, a multidão, dirão de nós, mas o que dirão o único que conhece o justo e o injusto, e a própria verdade. Assim, para começar introduzistes incorretamente a questão quando afirmastes no início que devíamos considerar a opinião da multidão a respeito do justo, do nobre e do bom e dos seus contrários. **Entretanto, poder-se-ia dizer que a multidão é capaz de nos matar.** (*Ibid.*, 48a-b, grifo nosso)



O que aparece implícito nesse argumento é a crítica de Platão ao regime democrático do seu tempo que, como sabemos, levou Sócrates a morte. Em seu diálogo mais conhecido, *A República*, quando o filósofo pretende demonstrar que não é possível haver uma *pólis* capaz de ser organizada e governada por todos os homens, ele utiliza o mesmo tipo de argumento encontrado no *Críton*: se não conferimos a saúde de nossos corpos à opinião da maioria, por que deveríamos deixar a organização da cidade nas mãos dos insensatos que nada sabem sobre política? É mister, portanto, que apenas aqueles que possuem o devido conhecimento sobre a organização das cidades, governem, para que haja, de fato, justiça entre os homens:

por conseguinte, é graças a mais diminuta classe e setor, e à ciência que encerra, ao que ocupa a sua presidência e chefia, que uma cidade fundada de acordo com a natureza pode ser toda ela sábia. **E é, ao que parece, por natureza extremamente reduzida esta raça, a quem compete participar desta ciência**, a única dentre todas as ciências que deve chamar-se sabedoria. (*República*, 428e, **grifo nosso**)

Para Platão, o único capaz de opinar sobre as “questões da alma” é o filósofo que, por meio do seu caráter investigativo, procura conhecer aquilo que há de mais essencial em todas as coisas. Assim, na *República* é o filósofo quem é o mais apto a governar a cidade; no *Crátilo*, é ele quem é o mais capaz de nomear as coisas; no *Filebo*, é ele quem melhor consegue compreender o estatuto ontológico do prazer, procurando construir um meio termo entre sua falta e a completa adesão. No *Críton*, como veremos, é o filósofo quem exorta as leis, apresentando os motivos pelos quais devemos sempre segui-las, independente dos seus resultados.

### **3 O equívoco da Multidão: a injustiça presente no discurso da maioria**

Uma vez refutada a crença de que devemos seguir a opinião da maioria, Sócrates passa para uma análise dos cinco argumentos propostos por Críton para que ele aceite sua ajuda em fugir da prisão. Para isso, o filósofo substitui o olhar inquisidor da multidão pelos olhos vendados da deusa Justiça, preconizando que se uma atitude for minimamente injusta, deve-se abandoná-la de imediato, seja qual for sua motivação ou seu desfecho (*Críton*, 48c-e). Para Sócrates, aquele que comete injustiça causa mais dano para si do que para o outro. Embora o *Críton* não explore essa temática,

encontramos no *Górgias* mais detalhes que facilitam nosso entendimento sobre o assunto.

Em diálogo com Polo, discípulo de Górgias, Sócrates mostra que aquele que comete injustiça corrompe sua alma com um vício, ao passo que quem a sofre não:

SOC: portanto, por superar os outros [vícios] em prejuízo excepcionalmente grandioso e em um mal estupendo, o vício da alma é o mais vergonhoso de todos, visto que não é em dor que supera, conforme teu argumento.

POL: É claro.

SOC: Mas, decerto, aquilo que supera as demais coisas em prejuízo seria o maior mal existente.

POL: Sim.

SOC: **Portanto, a injustiça, a temperança e qualquer outro vício da alma é o maior existente.** (*Górgias*, 477d-e, **grifo nosso**)

Todavia, no *Crítion*, Sócrates parece estar ciente que essa sua posição é bem diferente da dos demais e por isso pede ao seu amigo para que apenas concorde com ele se, de fato, acreditar que é um bom argumento. Crítion não seria o primeiro a consentir com o filósofo sem estar de acordo com suas palavras. Alguns estudiosos, por exemplo, não acreditam que Protágoras, no final do seu diálogo (*Protágoras*, 361b), tenha invertido suas opiniões com as de Sócrates. Mesmo que o sofista tenha aceitado o exame de suas opiniões acerca do ensino da virtude, este não consegue perceber as suas próprias contradições.

Em nenhuma parte do diálogo, Protágoras parece dar indícios de que tenha concordado com Sócrates por realmente acreditar que o que ele esteja a falar seja mais coerente do que seus próprios pensamentos. Ao contrário, Protágoras só concorda com ele por não conseguir construir argumentos bons o suficiente para vencer seus posicionamentos (*Ibid.*, 331c-d; 333b-d; 348b-c; 359d). Assim, no final do diálogo, enquanto Sócrates parece realmente ter mudado de opinião (por que a examinou e percebeu que não concordava com ela em alguns pontos), Protágoras encerra acreditando que tudo que Sócrates queria com o diálogo era a vitória da discussão.

Isso pode ser visto, por exemplo, em suas últimas palavras:

**penso que só desejas sair vitorioso da discussão**, Sócrates, razão pela qual me constranges a responder. Assim, **com o intuito de agradar-te** direi que, com base no que estabelecemos anteriormente em mútuo acordo, tal afirmação [que Protágoras defendia no início do diálogo] é impossível. (*Ibid.*, 360e, **grifo nosso**)

Críton diz concordar com Sócrates e pede para que ele prossiga com suas palavras. Mas, no diálogo *Fédon*, o encontramos, mais uma vez, atribuindo um valor destacado à opinião da maioria. Como a estória narrada no *Fédon* acontece um ou dois dias depois daquela que estamos investigando no *Críton*, isso significa que, embora Críton tenha dito que havia concordado com Sócrates sobre não darmos ouvidos a opinião da maioria, ele parece não ter mudado sua crença diante dessa questão. No caso do *Fédon* a opinião da maioria persiste na crença de Críton sobre o que ele compreende por “morrer”. Mesmo depois de Sócrates argumentar extensamente sobre a morte não ser o fim de todas as coisas (por meio tanto do *lógos* quanto de uma narrativa mítica), Críton persiste em oferecer compaixão ao filósofo que retruca dizendo:

não consigo, ó homens, persuadir Críton de que o Sócrates que aqui fala e ordena os detalhes de seu argumento é realmente eu. Ele pensa que sou aquele que logo contemplará como um cadáver e então pergunta como me enterrar. **E embora eu tenha estado dizendo por um tempo bastante longo que após ingerir o veneno não estarei mais convosco, mas partirei para o gozo das venturas dos abençoados, ele parece pensar que tudo isso não passou de um vão discurso que foi proferido para transmitir coragem a vós e a mim mesmo.** (*Fédon*, 115c-d, **grifo nosso**)

Depois do falso consentimento de Críton, entramos na parte final do *Críton*. Aqui, para refutar os argumentos proposto pelo seu discípulo, Sócrates se transforma em um porta-voz das leis, usando sua boca para comunicar as palavras que ele considera que seriam ditas caso elas estivessem ali presente. Na hipótese do filósofo deixar o Estado em que vive, estaria ele cometendo uma injustiça? Caso não, Sócrates partiria com Críton e seus amigos para a Tessália; caso sim, permaneceria em sua cela e

aceitaria o seu destino, pois a morte do corpo não seria nada diante dos males sofridos pela alma.

As leis começam chamando a atenção para o fato de que aquele que pretende infringi-la estará cometendo um ato direto contra o Estado, pois este só é possível graças as regras básicas de convivência que são estabelecidas entre os homens (*Críton*, 50b). Se Críton seguia a opinião da maioria e cometeu, no início do diálogo, uma violação contra as leis do Estado (que não permitiam sua presença na cela de Sócrates tão cedo), isso significa que o povo (*dêmos*) comete inúmeras violências contra o Estado em seu cotidiano, com o risco de algum dia ele deixar de existir. Platão, com isso, parece apontar para o perigo que a democracia pode acarretar à *pólis*: uma multidão de pessoas insensatas, que governam sem saber governar, infringem as suas próprias leis sem saber o mal que isso pode trazer não só para si, mas para todos.

Se Sócrates fugir de sua condenação, portanto, estará não só transgredindo as leis, como também contribuindo para o fim do Estado:

não te surpreendas com o que declaramos, Sócrates, mas respondes, visto que estás habituado a utilizar o método de perguntas e respostas. Vamos, respondes, **que falhas detectas em nós e no Estado que te leva a tentar destruir-nos?** (*Ibid.*, 50d, **grifo nosso**)

As leis permanecem em sua investida demonstrando o quanto são justas: graças a elas, por exemplo, os pais de Sócrates puderam se casar e gerá-lo. Graças a elas o filósofo teve um lugar para nascer e se desenvolver, uma boa educação (tanto nas artes liberais quanto na ginástica) e uma igualdade social com seus concidadãos que facilitou sua missão como filósofo. Foram elas também que deram a possibilidade dos atenienses serem um povo livre, construindo uma linha que os separa dos demais homens, bárbaros, escravos de suas próprias limitações. Se Sócrates quiser fugir, que parta o quanto antes, mas se permanecer deverá, assim como todos os demais, seguir as regras do Estado, pois será como permanecer na casa dos pais, obedecendo a seus preceitos e atentando aos seus pedidos (*Ibid.*, 51c).

Mas Sócrates não quer partir. Mais do que qualquer outro cidadão, ele foi quem mais permaneceu sob os cuidados do Estado. As leis relembram o fato de que, durante

toda a sua vida (longos 70 anos!), elas nunca foram injustas para com o filósofo (*Ibid.*, 52b). Ele nunca se ausentou da cidade para um festival, por exemplo. Não fez qualquer viagem para além daquelas exigidas pela atividade militar ou demonstrou algum interesse de sair da cidade para viver nos campos. Como ele mesmo afirmou no *Fedro*: **“os ambientes rurais e as árvores nada me ensinarão, enquanto exclusivamente as pessoas na cidade podem fazer isso”** (*Fedro*, 230d, **grifo nosso**). Ademais, as leis recordam que quando teve que escolher qual seria sua pena, Sócrates não optou pelo exílio, mas preferiu a morte do que ir para qualquer outro lugar (*Apologia*, 37c-e). A conclusão disso, portanto, é que muito mais que os demais cidadãos de Atenas, Sócrates estava satisfeito com o seu Estado e, por conseguinte, com as leis que o regem. Qual seria, portanto, o motivo, além da covardia, para que o filósofo preferisse fugir agora?

não debes render-te, recuar ou abandonar teu posto mas, quer na guerra, quer nos tribunais, bem como em todos os lugares e situações, **é teu dever fazer o que ordena teu Estado e tua pátria**, ou a ela mostrar, pela persuasão, o que é realmente justo. (*Críton*, 51c, **grifo nosso**)

Em relação ao argumento de Críton de que a partida de Sócrates irá trazer benefícios também para seus amigos, as leis replicam mostrando que, ao contrário, eles vão ficar expostos ao risco do banimento. Já no que diz respeito a hospitalidade que o filósofo irá receber em outras cidades, as leis objetam que, por sair como fugitivo de sua pátria, Sócrates irá ser recebido como “um inimigo dos governos, e todos que zelam por seus próprios Estados irão olhá-lo com suspeita, como um destruidor das leis” (*Ibid.*, 53b). Já no que concerne a vitória dos inimigos, a fuga de Sócrates apenas fortalecerá a opinião dos juízes quanto ao acerto de sua sentença, pois se o filósofo é capaz de transgredir suas próprias leis por interesses próprios, o que o impediria de corromper a juventude e renunciar os deuses da tradição?

Outro ponto importante é o fato de que Sócrates ficará impossibilitado de exercer sua missão, seja qual for o Estado em que ele irá se refugiar. Como o filósofo irá ter “uma vida digna de ser vivida” se não será capaz de exercer mais suas conversas diárias nas praças públicas? Ele viverá até o fim dos seus dias de maneira subalterna e servil, fazendo o possível para não irritar alguém, sobrevivendo em banquetes de

desconhecidos, sem a possibilidade de questionar suas opiniões, como se estivesse ali apenas pela comida e não pelo diálogo. E os filhos de Sócrates? Como eles poderiam viver bem se fugissem com seu pai? Eles também se tornariam escravos e passariam pelos mesmos problemas que ele, com a diferença de que teriam muito mais tempo de vida para aguentar.

Depois de refutar todos os argumentos de Críton em favor da fuga de Sócrates, as leis pedem para que o filósofo não se preocupe com o que pensa a maioria, nem com o que irá acontecer com seus amigos e com seus filhos depois de sua morte. O essencial, afirmam elas, é permanecer justo até o fim dos nossos dias para que quando finalmente deixarmos esse mundo e tivermos que encarar as leis do Hades, podermos contar com a justiça ao nosso favor:

Se partires injustiçado, como alegas, foste injustiçado não por nós [as leis], mas pelos homens; por outro lado, se fugires após de maneira tão infame retribuíres a injustiça com a injustiça e o mal com o mal, descumprindo teus compromissos e acordo conosco, e causando dano aos que menos queres causar dano, isto é, a ti próprio, aos teus amigos, a tua pátria e a nós, **nos tomaremos de ira contra ti enquanto viveres e nossas irmãs, as leis do Hades, não te receberão com benevolência, sabedoras que deste teu máximo para nos destruir**. Não permite que Críton te persuada a fazer o que é sugerido por ele, mas ouve nossos conselhos. (*Ibid.*, 54c, **grifo nosso**)

Com essas últimas palavras o diálogo se encaminha para o fim. Sócrates, confiante no juízo emitido pelas leis, segue impassível em direção a morte. Críton, após ter visto suas opiniões rechaçadas pelo *lógos*, não tem mais nada o que falar e aceita o fato de que não poderá fazer nada para ajudar seu mestre com a cicuta que o espera. Já nós, participantes passivos do diálogo, ficamos junto ao silêncio que se alastra para além do ponto final.

### **Considerações Finais**

Podemos observar que Platão no diálogo *Críton*, ainda que toque em outros temas, envolve quase todo o texto no problema que existe no processo de adesão a

opiniões, na medida em que elas não são devidamente examinadas. Críton é colocado explicitamente em uma posição onde sua opinião tem origem não em um princípio racional, construído por meio do *lógos*, mas de uma multidão que não se preocupa em repensar suas próprias crenças. Assim Platão, a partir de um valor supervalorizado na cultura grega, a justiça, mostra a incoerência que existe no cidadão comum de Atenas, indicando o mal que tais opiniões irrefletidas podem desembocar.

Ademais, a pretensão de Platão no *Críton* parece procurar persistir na continuidade de uma das mais marcantes mensagens do seu mestre: “uma vida sem reflexão não é digna de ser vivida” (*Apologia* 38a). Sócrates se dispõe mudar de opinião caso Críton o convença quanto à legitimidade de sua fuga. Novamente relembremos o diálogo *Protágoras* onde Sócrates, tendo se dado conta da insuficiência da tese que defendia, tomou a posição contrária. Já Críton, no diálogo *Fédon*, perpetua essa submissão à opinião da maioria, mesmo Sócrates tendo aparentemente demonstrado ao discípulo o quão insensato é essa posição. Desse modo, apesar dos seus longos anos ao lado de Sócrates, Críton peca (aos olhos de Platão) ao não cumprir a advertência de reflexão amplamente propagada e vivenciada pelo seu amigo.

### Referências Bibliográficas

BRÉHIER, Émile. **Historia de la Filosofía**. Trad. de Demetrio Nañez. Prólogo de José Ortega y Gasset. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1942.

CASTRO, Roberto Carlos Gomes de. *Platão contra os Sofistas: Sobre a Retórica*. **Convenit Internacional**, São Paulo, n. 12, p. 5-14, 2013. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit12/05-14Roberto.pdf>> acesso em: 26/03/2017

GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia**: História da Filosofia Antiga. Tomo II – Filosofias Socrática e Platônica. Trad. de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Ícone, 2013.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de Ironia**: constantemente atribuído a Sócrates. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

LAËRTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Intr., trad. e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

PLATÃO. **A República de Platão**. Trad., Org. e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Crátilo**. Trad. de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

\_\_\_\_\_. **Górgias**. Trad. e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Diálogos I: Teeteto, Sofista e Prótagoras**. Trad. e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diálogos III: Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon**. Trad. e Notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015.

\_\_\_\_\_. **Diálogos IV: Parmênides, Político, Filebo e Lísias**. Trad. e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015.

ROSS, David. **Teoria de las ideas de Platón**. Trad. de José Luis Díez Arias. Madrid, Ediciones Cátedra, 1997.